

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

LUIZ RENÓ MARTINS

DE PASSAGEM:
CAMINHADAS COM UMA CANETA DE DESENHAR

UBERLÂNDIA - MG
2023

LUYZ RENÓ MARTINS

DE PASSAGEM:

CAMINHADAS COM UMA CANETA DE DESENHAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica - como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Me. Gastão da Cunha Frota

UBERLÂNDIA - MG

2023

LUYZ RENÓ MARTINS

DE PASSAGEM:

CAMINHADAS COM UMA CANETA DE DESENHAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica - como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.

Área de concentração: Artes.

Uberlândia, Junho de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Me. Gastão da Cunha Frota, UFU/MG.

Prof. Dr. Marcel Alexandre Limp Esperante , UFU/MG.

Prof. Dr. Renato Palumbo Dória, UFU/MG.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram nessa caminhada. Aos meus pais pelo carinho imenso. Aos meus amigos e amigas que fiz em Uberlândia, vocês engrandeceram minha vida. Ao meu orientador Gastão que me salvou e ajudou imensamente.

Obrigado curso de Artes Visuais e seus professores que me ensinaram tanto e mostraram que há muito para aprender. Obrigado Biblioteca da UFU, lugar maravilhoso. E obrigado universidade pública e gratuita pela oportunidade de estudar.

“Quem é alguém que caminha
Toda a manhã com tristeza
Dentro de minhas roupas, perdido
Além do sonho e da rua?

Das roupas que vão crescendo
Como se levassem nos bolsos
Doces geografias, pensamentos
De além do sonho e da rua?

Alguém a cada momento
Vem morrer no longe horizonte
Do meu quarto, onde esse alguém
É vento, barco, continente.

Alguém me diz toda a noite
Coisas em voz que não ouço.
- Falemos na viagem, eu lembro.
Alguém me fala na viagem.”

(João Cabral de Melo Neto)

RESUMO

Este trabalho consiste em uma investigação sobre o desenho de cenas urbanas feitas tomando como ponto de partida o caminhar. Foi inspirado na proposta lúdico-construtiva de interação com a cidade, proposta pelos Situacionistas, para criar um percurso de descoberta urbana que se desdobrou em uma série de desenhos feitos como modo de coletar ambientações que se relacionam com a natureza psicogeográfica dos espaços e com a subjetividade do artista criador. A partir do entendimento do caminhar na história da arte, de referências de artistas que retratam a cidade e de um histórico de produção pessoal enquanto partes do processo criativo em desenho, essa série de trabalhos se concretizou.

Palavras-chave: Desenho; cidade; caminhar; cotidiano.

ABSTRACT

This work consists of an investigation into the design of urban scenes made taking walking as a starting point. It was inspired by the ludic-constructive proposal of interaction with the city, proposed by the Situationists, to create a journey of urban discovery that unfolded in a series of drawings made as a way of collecting environments that relate to the psychogeographic nature of spaces and to the subjectivity of the creative artist. From the understanding of the path in the history of art, references of artists who portray the city and a history of personal production as parts of the creative process in design, this series of works came to fruition.

Keywords: Drawing; city; walking; ordinary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - sem título, 2013, fotografia analógica.....	17
Figuras 2 e 3 - sobre a ponte, 2015, fotografia analógica.....	17
Figura 3, 4, 5 e 6 - Fotografias diversas feitas entre 2016 e 2017.....	18
Figuras 7, 8, 9, 10 - Quatro duplas de páginas do livreto.....	19
Figuras 11 e 12 - Desenhos do projeto “Nas Entranhas de Itajubá”, 2020.....	20
Figura 13 - Oswaldo Goeldi. Céu Vermelho. 1950.....	21
Figura 14 - Desenho de Iberê Camargo.....	23
Figura 15 - Eduardo Salavisa. Jardim da Estrela. Lisboa. Outubro 2006.....	24
Figura 16 - Desenho de Karina Kuschnir.....	25
Figuras 17, 18, 19 e 20 - Desenhos da série “De Passagem”.....	26
Figura 21 - Desenho da série “De Passagem”.....	30
Figura 22 - Desenho da série “De Passagem”.....	31
Figura 23 - Desenho da série “De Passagem”.....	32
Figura 24 - Desenho da série “De Passagem”.....	33
Figura 25 - Desenho da série “De Passagem”.....	34
Figura 26 - Desenho da série “De Passagem”.....	35
Figura 27 - Desenho da série “De Passagem”.....	36
Figura 28 - Desenho da série “De Passagem”.....	37
Figura 29 - Desenho da série “De Passagem”.....	38
Figura 30 - Desenho da série “De Passagem”.....	39
Figura 31 - Desenho da série “De Passagem”.....	40
Figura 32 - Desenho da série “De Passagem”.....	41
Figura 33 - Desenho da série “De Passagem”.....	42
Figura 34 - Desenho da série “De Passagem”.....	43
Figura 35 - Desenho da série “De Passagem”.....	44
Figura 36 - Desenho da série “De Passagem”.....	45
Figura 37 - Desenho da série “De Passagem”.....	46

Figura 38 - Desenho da série “De Passagem”	47
Figura 39 - Desenho da série “De Passagem”	48
Figura 40 - Desenho da série “De Passagem”	49
Figura 41 - Desenho da série “De Passagem”	50
Figura 42 - Desenho da série “De Passagem”	51
Figura 43 - Desenho da série “De Passagem”	52
Figura 44 - Desenho da série “De Passagem”	53
Figura 45 - Desenho da série “De Passagem”	54
Figura 46 - Desenho da série “De Passagem”	55
Figura 47 - Desenho da série “De Passagem”	56
Figura 48 - Desenho da série “De Passagem”	57
Figura 49 - Desenho da série “De Passagem”	58

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. O desenhar e o caminhar.....	12
2. Histórico da produção artística.....	16
2.1. Percurso na Fotografia.....	16
2.2. Desenhos.....	20
3. Referências Artísticas.....	21
3.1. Goeldi.....	21
3.2. Iberê.....	23
3.3. Urban Sketchers.....	24
4. Processo Criativo e desenhos.....	26
Considerações Finais.....	59
Referências Bibliográficas.....	61

Introdução

O presente trabalho é sobre desenhar e caminhar. Ele coloca em movimento a visão de um transeunte que olha para a cidade. Uma perspectiva subjetiva e introspectiva sobre o vagar pela cidade em que habito.

Minha primeira memória marcante com o andar são as idas para a escola. No início elas eram acompanhadas de algum adulto, meus pais ou meus irmãos, e depois, quando já estava um pouco maior, comecei a ir sozinho.

Esses deslocamentos escolares me marcaram, pois ali comecei a explorar a cidade. Pegar caminhos alternativos, andar do outro lado da rua, dobrar uma esquina diferente, reparar em detalhes da calçada, nas pessoas que cruzavam com meu percurso diário, nos desenhos em paredes, nas vegetações e objetos jogados nos terrenos baldios.

Esse jogo com a cidade, de interagir com os caminhos que ela te dá, de utilizar esse poder de escolha, de fazer do percurso uma prática sensível, foi fruto do meu convívio com minha irmã. Dentre algumas brincadeiras, me recordo de que, quando pequeno, junto com ela, fazíamos um jogo de andar de olhos fechados, um fechava o olho e o outro ia guiando. Assim tínhamos que nos concentrar no tátil do corpo e na voz do outro, tinha que andar devagar e fazer movimentos lentos pelo medo de tropeçar. Essa simples brincadeira ampliava nosso contato com o espaço, trazendo uma percepção além da visual.

Apresento esta monografia “De passagem, Caminhadas com uma caneta de desenhar” como Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia. Ela explora uma poética expressionista que se apropria da Deriva Situacionista para contemplar a cidade por meio do desenho.

O trabalho tem como objetivo produzir uma série de desenhos de observação direta dos ambientes urbanos, tendo portanto como ponto de partida o caminhar. Refletindo sobre essa experiência, o desenho e momentos da história da Arte que o inspiram, este texto apresenta um processo de criação que começou na fotografia e ganhou forma no desenho, a fim de pensar as relações dos corpos inseridos no espaço urbano.

O desenho aqui pode ser encarado como uma experimentação de lugar, uma maneira de vivenciar e de se relacionar com o ambiente, por intermédio da observação e do registro.

No primeiro capítulo, “O desenhar e o Caminhar”, faço uma breve explicação sobre o desenho de modo geral e para isso utilizo as ideias sobre o desenho apresentadas por Derdyk, e apresento também um recorte sobre o caminhar dentro da história da arte, utilizando a linha temporal traçada por Careri, começando pelo dadaísmo e confluindo no Movimento Situacionista.

No segundo capítulo, “Histórico da produção artística”, escrevo sobre o início do processo de criação artística com a fotografia, buscando entender a minha trajetória e sua relação com o cotidiano e a cidade. Apresento trabalhos feitos no passado que interagem com a temática proposta aqui.

No terceiro capítulo, “Referências Artísticas”, apresento os artistas que me inspiram e com quem meu trabalho dialoga: Oswaldo Goeldi, Iberê Camargo e o grupo Urban Sketchers.

No quarto capítulo, “Processo Criativo”, conto sobre a experiência do trabalho prático, descrevo sobre como foi o processo e apresento a produção artística.

1. O desenhar e o caminhar

O desenho é um meio de expressão e comunicação. É uma linguagem que atravessa todo o arco da civilização, surgiu antes da escrita e está ligada com a presença do corpo humano que se inscreve no mundo.

“(...)o desenho, uma língua tão antiga e tão permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polêmica entre o que é novo e o que é velho. Fonte original de criação e invenção de toda sorte, o desenho é exercício da inteligência humana.” (DERDYK, 1989, p. 46)

Esse exercício da inteligência humana se tornou uma prática artística e uma grande tradição na história da arte. E além da arte, é uma linguagem presente em todas as áreas do conhecimento, seja como arte, ciência ou técnica. Em todas as atividades humanas o desenho está presente, num manual de uma peça automotiva, na representação de conceitos matemáticos, em mapas mentais de organização, entre outros. Como diz DERDYK:

“O desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão. As manifestações gráficas não se restringem somente ao uso do lápis e papel. O desenho, como índice humano, pode manifestar-se, não só através das marcas gráficas depositadas no papel (ponto, linha, textura, mancha), mas também através de sinais como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na lua etc.” (DERDYK, 1989, p. 20)

Não se trata somente de uma manifestação gráfica, como expressão, a consciência do desenho nos devolve potencialidades como instrumento de reflexão, abstração e conceituação.

“O desenho, enquanto linguagem, requisita uma postura global. Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, idéias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.” (DERDYK, 1989, p. 24)

O desenho é um exercício de observação do mundo, é uma forma de conhecer e de se conectar com aquilo que está sendo retratado. É um grande

exercício de presença, de estar e de se relacionar. Através dele é possível buscar uma exploração corporal e sensível dos espaços e objetos.

Vejo no desenho de observação uma ligação muito direta entre o olhar e a mão, entre a percepção e a ação. E, através dele, busco uma coleta das cenas urbanas que perpasso.

“Devemos ressaltar também a relação do desenho, muitas vezes, com a coleta que o artista faz do mundo à sua volta. São inúmeros os exemplos de registros dessas percepções sob essa forma. Poderíamos considerá-los, nesses casos, como meio de refletir sobre a relação do sujeito com o mundo: como o artista se coloca física e psicologicamente em relação às coisas que o cercam.” (SALLES in DERDYK, 2019, p.40)

As formas de interação primordiais com o ambiente são o observar e o andar. Me recordo das palavras do personagem principal do livro “A Descronização de Sam Magruder”, escrito pelo paleontólogo George Gaylord Simpson, em que, ao se deparar sozinho na época dos dinossauros, por causa de uma viagem temporal, se ocupava com o mais antigo dos passatempos: “observar a paisagem”.

Traçando uma relação do ato de se deslocar com o ato de pensar, vemos como o primeiro ajuda muito no segundo. Quando caminhamos produzimos pensamentos, refletimos, se clareiam as ideias, aliviemos estresses e ansiedades, amenizamos tristezas e angústias. Como diz o dito popular “caminhar para espairecer”.

O caminhar, presente no percurso humano desde muito tempo, é ação base da sobrevivência e da manipulação espacial. Segundo Careri, foi a partir do caminhar, que os seres humanos começaram a modificar o ambiente, na transformação da significação cultural dos espaços, produzindo assim lugares. Caminhar é tanto uma ação de percepção quanto de criação.

“O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência. Mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo. Modificando os significados do espaço atravessado, o percurso foi a primeira ação estética que penetrou os territórios do caos, construindo aí uma nova ordem sobre a qual se tem desenvolvido a arquitetura dos objetos situados. O caminhar é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território.” (CARERI, 2013, p.27 e p.28)

No livro *Walkscapes*, Francesco Careri traça um arco histórico de quando a caminhada se torna uma temática dentro da história da arte moderna, não apenas presente nas representações, como em pinturas, mas presente conceitualmente como elemento base da relação entre o artista e o ambiente.

Em 1921, os membros do movimento Dadá, quando resolveram fazer o primeiro ready-made urbano, ocuparam um local banal da cidade a fim de atribuir um “valor estético a um espaço vazio e não a um objeto”. Considerando assim a arte da própria presença dos artistas neste espaço. Os dadaístas dão início a novas possibilidades de agir sobre a cidade através da intenção da exploração do banal.

“Em 1917, Duchamp propusera como próprio ready-made o Woolworth Building de Nova York, mas ainda se tratava de um objeto arquitetônico, e não de um espaço público. Por sua vez, o ready-made urbano realizado em Saint-Julien-le-Pauvre é a primeira operação simbólica que atribuiu valor estético a um espaço vazio e não a um objeto. O dadá deixou de levar um objeto banal ao espaço da arte e passou a levar a arte - na pessoa e nos corpos dos artistas dadá que compunham - a um lugar banal da cidade.” (CARERI, 2013, p.75)

Depois disso, em 1924, André Breton propõe uma nova intervenção do espaço, dessa vez, ao invés de ocupar um local banal, eles fazem um percurso de modo aleatório, sem destinos escolhidos, apenas com o objetivo de caminhar. Ação cunhada de deambulação surrealista, cravando uma transição entre dadaísmo e surrealismo.

Os surrealistas partem de uma ideia sobre o inconsciente da cidade, onde a cidade é um ambiente pulsante, produtor de afetos e relações, um lugar vivo carregado de energias. A deambulação surrealista, o artista se deixa levar por esse inconsciente da cidade, caminhando desorientadamente para chegar a uma espécie de estado de hipnose.

Nos anos cinquenta, a Internacional Situacionista, movimento artístico que fluiu da Internacional Letrista, utiliza leituras da cidade presentes no dadaísmo e no surrealismo, porém olha como plano de ação a cidade real, a cidade vivida. Para eles “o espaço urbano é um terreno passional objetivo, e não só subjetivo-inconsciente”.

“A construção da situação e a prática da deriva, fundam-se (...) num controle concreto dos meios e dos comportamentos que se podem experimentar diretamente da cidade. Os letristas rejeitavam a ideia de uma separação entre a vida real alienante e aborrecida e uma vida imaginário maravilhosa: é a própria realidade que tinha de se tornar maravilhosa. Não era mais tempo de celebrar o inconsciente da cidade, era preciso experimentar modos de vida superiores através da construção de situações na realidade cotidiana: era preciso agir, e não sonhar”. (CARERI 2013, p. 85)

Guy Debord, integrante do movimento situacionista, concebe a Teoria da Deriva, levando em conta a “natureza psicogeográfica” da cidade e a “afirmação de um pensamento lúdico-constructivo” (DEBORD *Appud* CARERI, 2002, p. 88). Propondo assim um perder-se consciente.

A psicogeografia é o estudo dos efeitos causados pelo meio geográfico nas emoções e nos comportamentos dos indivíduos. O ambiente urbano provoca sensações e experiências e sua geografia está conectada com nossas afetividades e memórias. A cidade é vivida a partir dessa série de relações afetivas que a gente constrói com o espaço.

Cruzando a psicogeografia com a vivência cotidiana das cidades, os situacionistas elaboram jogos lúdicos envolvendo a deriva a fim de investigar essa psicogeografia e também de fazer um contraponto às regras estabelecidas pela ideia de cidade da elite burguesa vigente.

“Os situacionistas tinham encontrado na deriva psicogeográfica o meio com o qual despir a cidade, mas também com o qual construir um meio lúdico de reapropriação do território: a cidade é um jogo a ser utilizado para o próprio aprazimento, um espaço para ser vivido coletivamente e onde experimentar comportamentos alternativos, onde perder o tempo útil para transformá-lo em tempo lúdico-constructivo. Era preciso contestar o bem-estar que se fazia passar por felicidade por obra da propaganda burguesa e que, do ponto de vista urbanístico, se traduzia na construção de casas “dotadas de conforto” e na organização da mobilidade. Devia-se “passar do conceito de circulação como suplemento do trabalho e como distribuição nas diversas zonas funcionais da cidade à circulação como prazer e como aventura, era preciso experimentar a cidade como um território lúdico a ser utilizado para a circulação dos homens através de uma vida autêntica. Era preciso construir aventuras.” (CARERI, 2013 p. 98 e p. 99).

Essas aventuras lúdicas para com a cidade se davam das diversas formas, Careri comenta em seu livro que propunham ações como entrar em imóveis em demolição, percorrer a cidade pegando caronas sem interrupção, pegar ônibus sem destino definido ou adentrar pelos túneis subterrâneos.

As derivas situacionistas propõem que as pessoas tenham uma nova visão sobre a cidade, que façam uma investigação de sua relação pessoal com a cidade, despreendendo dos percursos de rotina e experimentando novas ambiências, com o objetivo de conhecer a cidade, conhecer novos percursos e novos espaços. Estamos tão presos ao percurso e a rotina do dia-a-dia, muitas vezes limitados por uma opressão, que acabamos deixando de viver a cidade em sua totalidade.

Busco neste trabalho, me infiltrar na visão lúdica e interativa com a cidade proposta pelos situacionistas, combinados com a atividade de desenho de observação para criar uma série de desenhos a fim de investigar sobre a vida cotidiana.

Como Caetano diz na canção “Sampa”: “alguma coisa acontece no meu coração, que só quando cruza Ipiranga e avenida São João”, onde ele fala que algo sentimental acontece com ele quando passa por essas ruas de São Paulo. A letra continua, “é que quando eu cheguei por aqui, eu nada entendi”, dando a entender que essa relação afetuosa tem a ver com sua história no local.

2. Histórico da produção artística

Segue aqui um relato sobre uma parte do meu histórico de produção artística, fazendo um recorte das produções que dialogam com a temática proposta neste trabalho final, ou seja, o percurso e a cidade. Temática esta que pode ser encontrada em alguns trabalhos anteriores, produzidos dentro de matérias do currículo acadêmico e também anteriores à universidade.

2.1. Percurso na Fotografia

Desde de que nasci estou inserido no ambiente social urbano, habitando e desfrutando. Minhas primeiras caminhadas autônomas começaram nos percursos para a escola, depois foram surgindo as idas a casas de amigos, os encontros nas praças, as idas ao mercado, etc. Assim o caminhar, juntamente com o observar, foram se exercitando.

O olhar apreciativo sobre a cidade se ampliou depois que comprei minha primeira câmera fotográfica em 2013, uma Zenit analógica. Animado com a câmera,

comecei a fazer saídas para fotografar, saía andando na rua e fotografando o que me chamava atenção, uma atividade de descoberta e de deslumbre.



Figura 1 - sem título, 2013, fotografia analógica
fonte: acervo do autor



Figuras 2 e 3 - sobre a ponte, 2015, fotografia analógica
fonte: acervo do autor

A fotografia se tornou uma querida companheira, e foi ela que me introduziu no processo de criação artística, já desenhava um pouco antes, mas foi na fotografia que meus pensamentos sobre composição se ampliaram junto com meu desejo de produzir. Entendi sobre o tempo de produção, havia o ímpeto de sair de casa para capturar algo, o tempo da foto analógica que demora para se revelar e se transformar num objeto, o tato com esse objeto impresso, a surpresa do resultado, o mostrar para os outros e receber *feedbacks* mesmo que singelos. Fui me aproximando dessas diversas ações que englobam o criar.

Depois da Zenit, comprei uma câmera digital, que pela praticidade se tornou mais viável, com ela vieram novas produções e experimentações.

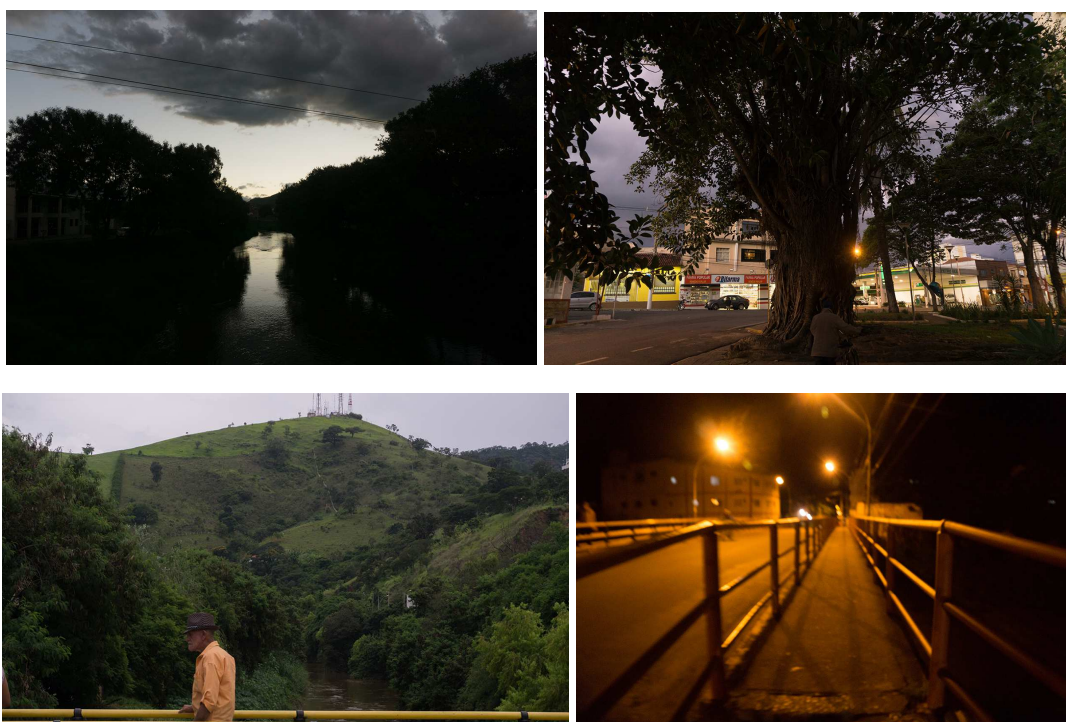


Figura 3, 4, 5 e 6 - Fotografias diversas feitas entre 2016 e 2017
Fonte: acervo do autor

A observação do espaço a partir da caminhada me levou para uma investigação dessa temática sobre a cidade: das arquiteturas, das paisagens, dos contornos urbanos e das pessoas que interagem com o cenário. A atmosfera do lugar que estamos inserimos como assunto.

Durante a graduação, na matéria Ateliê de Fotografia, executei um projeto de retratar o meu cotidiano pessoal, utilizando a fotografia como registro dos meus dias, na ideia de fazer uma espécie de diário cinematográfico. Para isso, carreguei a

câmera comigo pra onde eu ia. Consegui fotografar meus caminhos, minha casa, amigos próximos, fiz autorretratos, capturei horizontes, nuvens e objetos com que trocava energia diária.

Depois de fotografar, fiz um processo de seleção, pois estava com muitas fotos. Para esse processo fiz a impressão delas em preto e branco, e depois de alguns dias olhando-as com ajuda de amigos próximos para quem mostrava-as, acabei por fazer uma seleção de 19 fotos que agrupei em um livreto Sem Título.

O formato do livro caiu muito bem, pois o passar das páginas junto com a diagramação de 1 fotografia por folha, deu uma sensação de uma narrativa íntima, que harmonizou com a proposta da captura do cotidiano.

Esse trabalho, ao contrário das fotografias anteriores da cidade, tem uma característica mais particular, mais interna, onde eu coloco à mostra o lado de dentro de casa em combinação com o lado de fora na cidade.



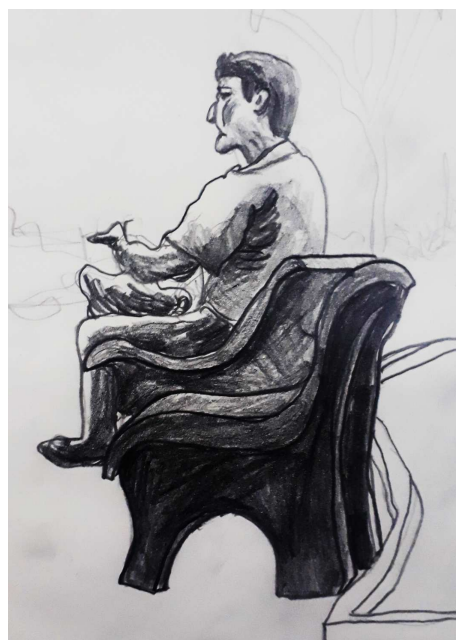
Figuras 7, 8, 9, 10 - Quatro duplas de páginas do livreto Sem Título
Fonte: acervo do autor

2.2 Desenhos

O desenho foi uma das grandes descobertas da graduação. Através do curso tive a oportunidade de desenvolver muito o traço, e descobrir o desenho de observação que abriu a minha cabeça e soltou minha mão. Antes do curso, eu desenhava um pouco, porém era bem restrito quanto aos temas, limitado nas técnicas e sem controle racional e emocional.

A partir das matérias de Fundamentos do Desenho e de Modelo Vivo no início do curso, meu traço evoluiu muito. O desenho de observação mudou muito minha percepção para o olhar. O olhar que está em tudo que faço. Comecei a “desenhar com os olhos”, como a professora Cláudia França falava, é por onde o desenho começa.

É difícil notar um paralelo entre minha produção inicial e os desenhos com a caminhada, durante muito tempo fiquei imerso na produção de retratos e de elementos naturais. Porém, durante os anos da pandemia de COVID-19, com todo aquele sentimento de confinamento, comecei um projeto de retratar a minha cidade natal. Fiz alguns desenhos da cidade, seja de referência direta ou referência fotográfica. Nomeei este trabalho, ainda em andamento, como “Nas entranhas de Itajubá”. O projeto foi pensado a fim de que os moradores da cidade possam reconhecer os lugares onde vivem.



Figuras 11 e 12 - Desenhos do projeto “Nas Entranhas de Itajubá”, 2020
Fonte: acervo do autor

3. Referências Artísticas

Muitos artistas trabalharam a temática da cidade e do cotidiano na história da arte. A pintura ao ar livre, representando paisagens, cenas urbanas e rurais é uma tradição da pintura europeia, desde o Romantismo e fortemente presente no Impressionismo. O movimento expressionista bebe de técnicas e conceitos vindo desses movimentos anteriores, porém mais interessados na atmosfera espiritual e emocional das ambientações. Destaco aqui alguns artistas, movimentos e obras expressionistas que apresentam maior influência sobre meu trabalho, seja na técnica e como no conceito.

3.1 Goeldi



Figura 13 - Oswaldo Goeldi. Céu Vermelho. 1950. Xilogravura em cores. 22 cm x 30 cm.
Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra34947/ceu-vermelho>

Oswaldo Goeldi foi um artista, desenhista e xilogravurista brasileiro. Em sua produção trabalhou com temas como a cidade, a melancolia, a solidão e a morte. Consegue criar uma atmosfera urbana profunda, através da contraposição do preto e do branco da xilogravura, e com seus traços abertos, onde é manifestada a fragilidade humana.

Suas obras são grande referência para mim, pois conseguem sintetizar por meio de linhas claras e econômicas, um profundo sentimento de estar no mundo, sobrevivendo. As figuras humanas que aparecem, dizem muito com poucos movimentos, leitura reforçada pelo contraste com o ambiente: casas, postes, ruas e vielas. Figuras que são tão imponentes que parecem até terem consciência.

Sentimentos como o pontuado pelo crítico de arte Rodrigo Naves:

A obra de Goeldi de fato impressiona pela amplitude e profundidade das questões que apresenta. Os homens que vagam pelas superfícies negras de suas gravuras não têm para onde ir, embora estejam sempre a caminho. São seres urbanos e mantêm com a cidade um contato estreito – partilham a sua “cor”, seu anonimato. Apenas uma estreita faixa de luz os separa do ambiente em que se movem. E no entanto nada os acolhe. (NAVES, 1999, p.7)

Interessante também em suas xilogravuras é que o lugar retratado não é um lugar em específico, são “recantos perdidos de um lugar qualquer do mundo” (NAVES, 1999, p.8), são lugares comuns a qualquer cidade em que se habite. A cidade não causa estranheza, pelo contrário, é como se remetesse a um lugar familiar.

É possível notar algumas semelhanças nos meus desenhos produzidos para este trabalho e as xilogravuras de Goeldi. Esse fator do lugar desconhecido e ao mesmo tempo familiar é algo em comum. No resultado final, minhas cenas urbanas podem ser ruas de qualquer cidade, não apenas as quais eu caminhei. A presença de figuras humanas também é um ponto de semelhança, figuras anônimas que caminham de modo solitário pelas ruas. Porém, a atmosfera de suas ambientações é muito diferente, é bem mais pesada e densa, muito por causa da técnica que ele utiliza.

3.2 Iberê



Figura 14 - Desenho de Iberê Camargo
Fonte: Página 102 do Catálogo “A Linha Incontornável: Desenhos de Iberê”

Iberê Camargo foi um pintor, gravador e desenhista brasileiro. Muito conhecido por suas pinturas, ele produziu uma extensa obra, percorrendo o figurativismo e o abstracionismo.

Destaco aqui um lado específico do trabalho do Iberê, que são seus desenhos. Trabalhos esses que podem ser encontrados no catálogo da exposição “A Linha Incontornável: Desenhos de Iberê”.

A maneira que o Iberê trabalha a linha é linda. Percebe-se uma linha de curvas rápidas, uma linha de movimento, um movimento ansioso. As linhas são usadas para dar corpo às formas. Nada é estático, as figuras têm movimento em sua forma linear e escapam da completude, algo como um desfoque de olhar. As formas não são fechadas, são abertas, indicando movimento gestual e temporal.

Com a leitura de seus desenhos, consigo ter o traço mais solto, uma despreocupação com o naturalismo do olhar e sim com uma sintonia entre o pensar da mão com o olhar. Não que meu traço mimetize o dele, mas ao observar seu gestual para retratar figuras humanas e objetos, como a bicicleta, me sinto muito instigado a explorar também o meu próprio gestual. Sua influência sobre meu trabalho de observação está na questão formal e técnica de trabalho com a linha.

Quando conheci esses trabalhos dele, isso me instigou muito a pesquisar e explorar as representações das formas através do desenho.

3.3 Urban Sketchers

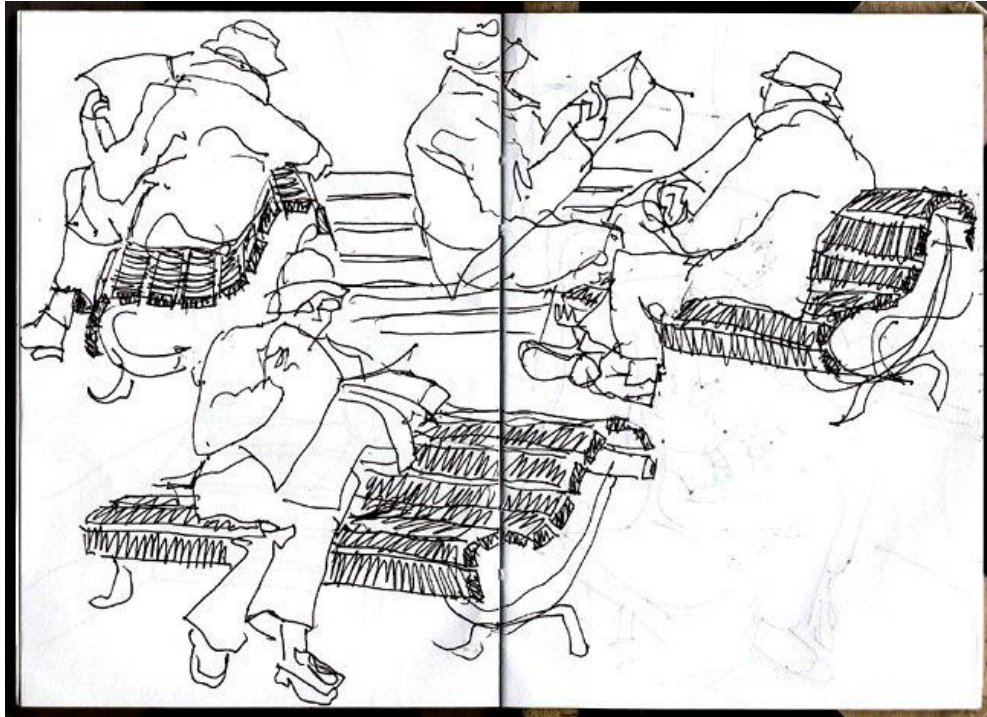


Figura 15 - Eduardo Salavisa. Jardim da Estrela. Lisboa. Outubro 2006.
Fonte: <http://diario-grafico.blogspot.com/2006/10/jardim-da-estrela.html>

Urban Sketchers é o nome de uma comunidade de pessoas que praticam a atividade de desenhar a cidade através da observação direta. Começou em 2007, quando o ilustrador e jornalista Gabriel Campanario criou um grupo de postagens no site Flickr chamado “*Urban Sketches*” (desenhos urbanos). Um ano depois, o grupo deu origem a um blog, e, em dezembro de 2009, à *Urban Sketchers* (USk), uma organização sem fins lucrativos, com objetivos de organizar encontros, eventos, cursos, e oferecer bolsas para artistas. Atualmente, a USk reúne membros de mais de 50 países e já organizou diversos encontros internacionais.

A essência dessa comunidade global de desenhadores urbanos está sintetizada em seu manifesto, retirado do site oficial (<https://urbansketchers.org/pt/>):

- “1.) Desenhamos no local, dentro ou fora de portas, capturando o que vemos a partir da observação directa.
- 2.) Os nossos desenhos contam a história dos nossos arredores, dos locais onde vivemos, e para onde viajamos.
- 3.) Os nossos desenhos são um registo do tempo e do local.
- 4.) Nós somos verdadeiros relativamente às cenas que presenciamos.
- 5.) Usamos qualquer tipo de mídia e valorizamos os nossos estilos individuais.
- 6.) Apoiamo-nos mutuamente e desenhamos juntos.
- 7.) Partilhamos os nossos desenhos online.
- 8.) Mostramos o mundo, um desenho de cada vez.”

O grupo é um grande convite ao desenho, a encorajar as pessoas a desenhar. Não se denominam “artistas” ou “desenhadores perfeitos”, são pessoas que gostam de desenhar o que veem, praticam isso como hábito e compartilham entre eles seus desenhos. Danny Gregory, colaborador do grupo, diz que o desenho o ajudou a valorizar cada dia da vida a partir de um “lento, cuidadoso e contemplativo olhar”. Ele incentiva as pessoas a entrarem nesse mundo mágico contando seu percurso no desenho em seus livros. (KUSCHNIR, 2012).

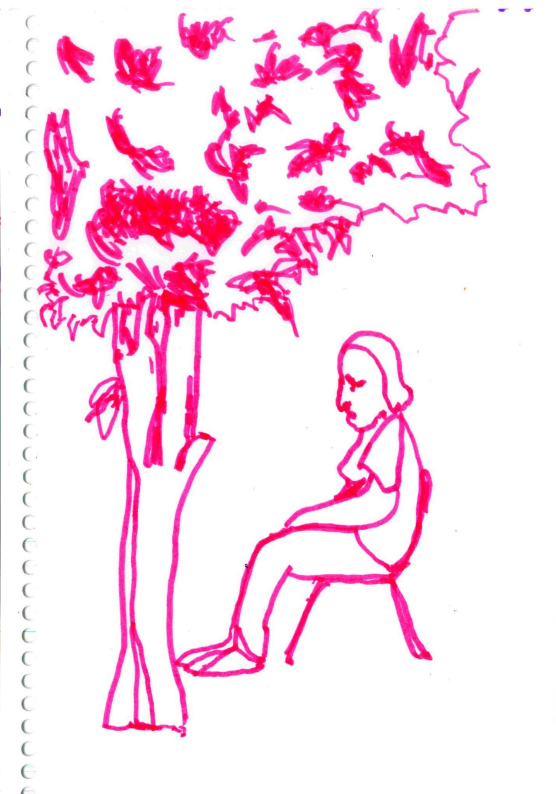
A cidade é a temática central do grupo . Uma das características que singulariza o projeto é “a relação do desenhador com a sua própria cidade ou com as cidades por onde viaja”. Nas palavras de Nina Johansson, correspondente do grupo, “desenhar uma cidade não é apenas capturá-la no papel, é realmente conhecê-la, senti-la, torná-la sua”. Kuschnir sintetiza a máxima do projeto: “conhecer o mundo através dos desenhos”.



Figura 16 - Desenho de Karina Kuschnir.

Fonte: <https://karinakuschnir.wordpress.com/2018/03/09/nao-passei-2-janeiro-foi-fork/>

4. Processo Criativo e desenhos



Figuras 17, 18, 19 e 20 - Desenhos da série "De Passagem"
Fonte: acervo do autor

A proposta do trabalho prático foi fazer caminhadas pela cidade portando um caderno e uma caneta, e utilizar o desenho como técnica para preenchimento deste caderno com desenhos de observação das cenas cotidianas urbanas vistas durante o percurso.

Inspirado nas ideias situacionistas, deixei a cidade me levar, como uma dinâmica lúdica com o espaço urbano, fiz saídas com a intenção de me aventurar por ruas desconhecidas e me perder nas entranhas da cidade, conhecendo seus pequenos pedaços.

Começava as saídas pensando em uma direção, seguia ela até chegar em algum lugar desconhecido, andava durante um longo tempo antes de começar algum desenho. Não conseguia sair de cara e produzir desenhos, primeiramente eu caminhava e caminhava, até a cidade começar a me “energizar” e instigar.

O conceito da psicogeografia se relaciona com a forma que perambulei pelos espaços, deixando a subjetividade e a intuição me guiarem, algumas ruas me chamavam para elas, outras nem tanto. Alguns ambientes transmitiam aconchego como as praças em geral, outras transmitiam algo como uma solidão, como pequenas vielas escondidas.

O desenho pode ser visto como uma ferramenta manifestadora do olhar e do sentir, olhando seus resultados é possível saber das minhas escolhas, sobre os caminhos que percorri e o que me atraiu neles. É possível também saber, ou ter uma ideia, dos sentimentos e emoções que estava tendo quando percorri por esses espaços.

Existe um longo tempo de silêncio que antecede o desenho, vou andando, olhando, procurando, sentindo. Acho que isso faz parte do exercício de presença que é o desenho de observação e dessa conexão entre ele e o exercício da caminhada.

Houve desenhos feitos durante a minha rotina de trabalho numa escola, que resolvi adicionar, pois imerso no processo, e carregando o caderninho sempre comigo, no meio dos percursos cotidianos, entre trabalho-casa e casa-trabalho, me sentia atraído ao exercício lúdico dos situacionistas em contraste com esse percurso rotineiro. Não pude resistir de me deixar sentir e reparar na cidade e inserir o desenho nesses trajetos, como os que fiz dentro do ônibus.

Carreguei o caderno de desenho onde eu registrava aquilo que passava diante de meus olhos, aquilo que ia de encontro a mim, ou que eu ia de encontro:

ruas, paisagens, objetos urbanos, praças, bancos, carros, árvores, e, o mais recorrente, pessoas. Pessoas interagindo com isso tudo.

Habitantes da cidade que, ao viverem nela, se relacionam com o ambiente. Nos desenhos apareceram pessoas olhando para o horizonte, pessoas esperando algo, descansando no banco da praça, tomando um ar numa sombra de uma árvore, conversando com alguém, pessoas no celular, bebendo num bar, e também, assim como eu, pessoas transitando, a pé ou sentadas em um ônibus.

De início achei que fosse me atrair mais pelas paisagens, era o que estava na minha mente, mas o fazer do processo me levou um tanto para esse lado da figura humana que interage com o espaço, isso foi notável no desenhar.

Percebi, através das escolhas que fazia nos desenhos, que esse encontro, mesmo que somente visual, com as pessoas, me chamava muita atenção. Esse envolvimento com o anônimo à minha volta, se deu por uma curiosidade com ele, uma curiosidade que me levava a uma fantasia sobre o que faria essa pessoa, quem ela seria, e me levava a uma empatia, pois ela estava ali naquele ambiente, ocupando, dialogando, interagindo com o meio, assim como eu estava.

Relaciono isso com a visão do personagem narrador do conto “O Homem da Multidão” de Edgar Allan Poe, em que faz reflexões enquanto observa transeuntes das ruas, ele diz sobre o estado de espírito causado pelos contatos rápidos com essas faces anônimas que avistava, em que “podia ler frequentemente, mesmo no breve intervalo de um olhar, a história de longos anos” (POE, 2021, p.381). Um breve contato que carrega uma história de vida.

Até os desenhos em que ninguém aparece, sugere-se a presença humana, seja na forma de carros que se movimentam, seja num caminho vazio mas que existe para conduzir pessoas; no lixo produzido pelo homem, na arquitetura construída para ser residência ou nos bancos que esperam alguém.

Os caminhos e lugares que aparecem demonstraram um aspecto em aberto, como se aquela ambiência pudesse se relacionar com vários espaços que conhecemos. Uma rua, por mais simples e comum que seja, carrega uma carga de identidade relacionada com a vida costumeira das pessoas.

Ao todo, as imagens desenhadas mostram esses pequenos atos que, individualmente, podem não representar muito, mas em seu conjunto, revelam uma narrativa do meu caminhar, com um olhar para o cotidiano e para o banal.

Fiz alguns desenhos iniciais do projeto em cadernos comprados, mas depois, fabriquei alguns, com a disponibilidade de usar uma encadernadora do local onde trabalho. Os desenhos dispostos neles deram certa unidade nos desenhos quando olhados em série em conjunto com o suporte, então decidi continuar apenas nesses cadernos fabricados por mim. Fiz em tamanho A5, pois é um tamanho bom para se carregar e também é uma medida certa para uma gestualidade confortável a se fazer na rua, nem muito grande, nem pequena.

Os desenhos, considerando apenas o ato de riscar o papel, foram feitos, individualmente, de forma “rápida”, não sei dizer o tempo em específico de cada, porque, durante o ato de desenhar, a noção temporal se altera, parece que o tempo se alonga e se contrai. O desenho de observação é um movimento dinâmico com o olhar que mira para a cena e mira para o papel, às vezes permanece mais na cena e dá umas olhadas rápidas para o papel, outras vezes permanece mais no papel e dá umas olhadas ligeiras na cena, fica numa dinâmica entre um e outro. Isso juntamente com o movimento da mão que está riscando o papel, podendo variar entre traços curtos, longos, sequenciados, linhas gestuais, vagarosas, rápidas, etc. É um conjunto de vários movimentos que estão dentro do ato de desenhar. O desenho começa no olhar, depois surgem os primeiros riscos, toda essa dança de movimentos toma conta e de repente o desenho está pronto.

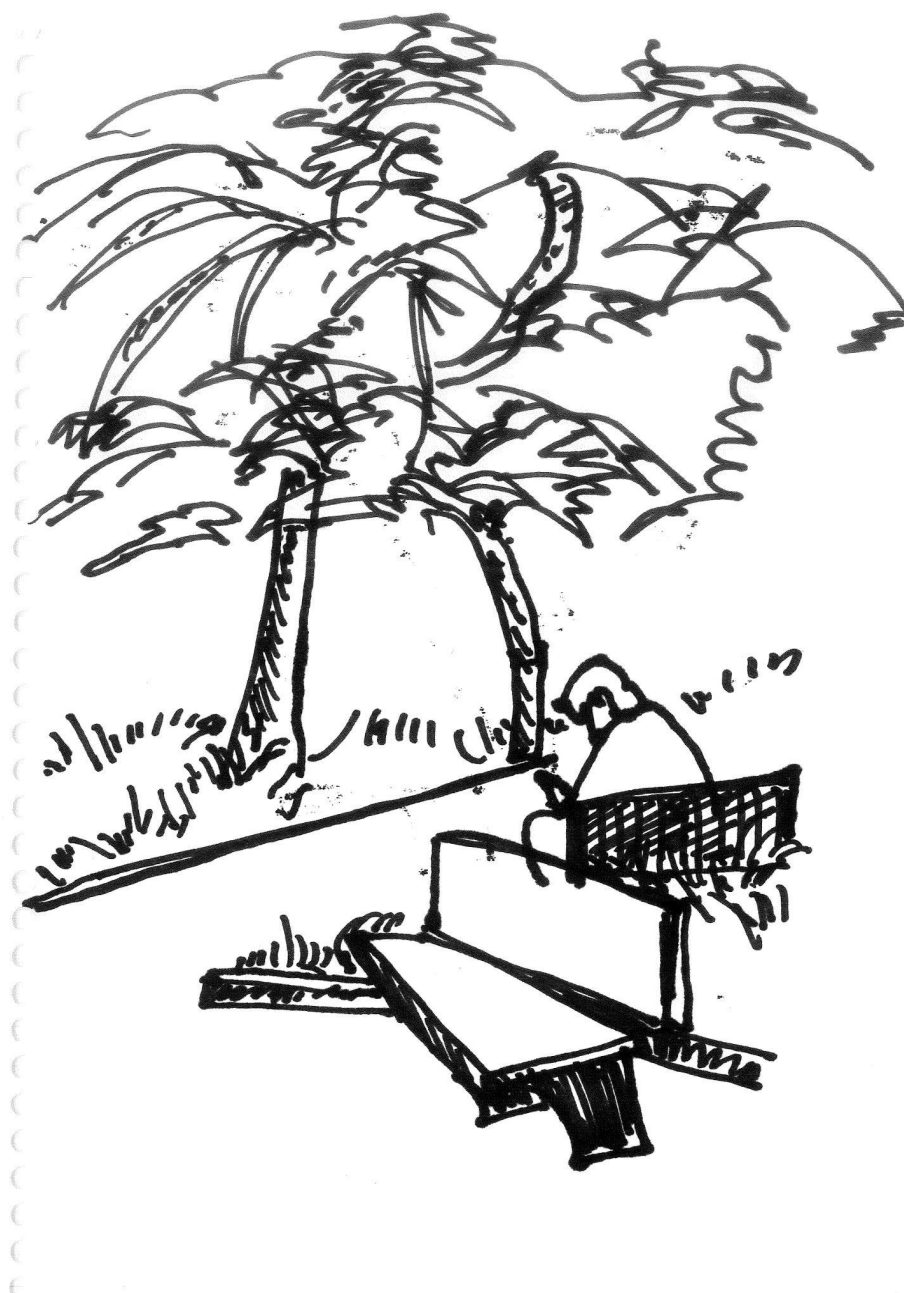
Na maioria das vezes eram executadas de maneira não muito ergonômica: em pé, com mochila nas costas, escorado em muros, utilizando a mão como apoio para o caderno (que não tem capa dura), algumas vezes até desenhava enquanto andava. Isso porque era o que se pedia no momento, quando batia o estalo do “acho que vou desenhar isso”.

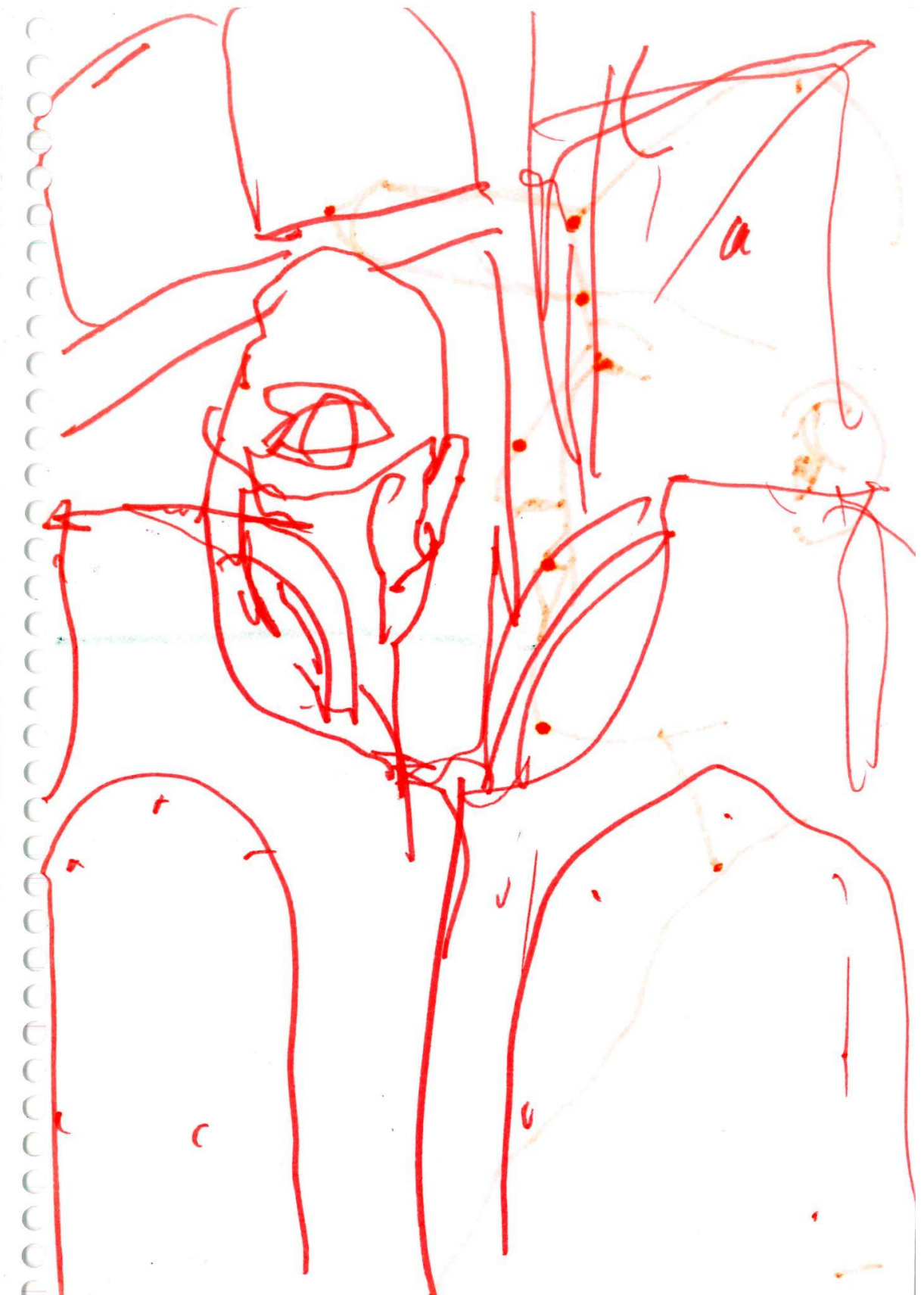
De início estava utilizando, canetas hidrográficas coloridas e caneta nanquim preta, porém, mais à frente do processo, reduzi e utilizei somente a nanquim, uma escolha pela praticidade de se fazer os desenhos na rua.

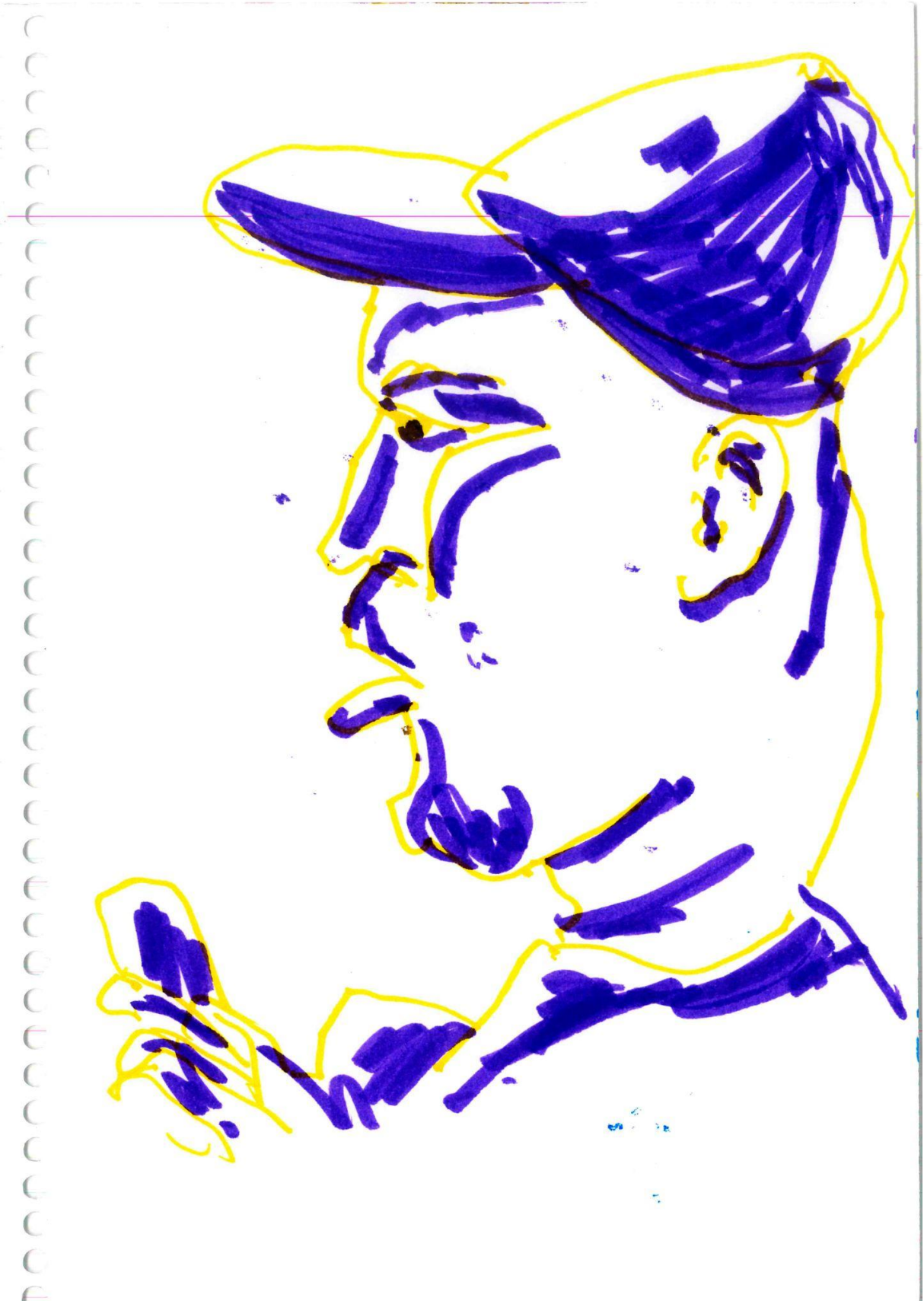
Não tive muitas interações com as pessoas durante os desenhos, algumas olhavam mas seguiam seus caminhos e afazeres. Teve apenas uma vez, num ponto de ônibus, que uma moça interagiu comigo, perguntou: “você desenha?”, respondi que sim e ela pediu para ver, disse que admirava muito quem desenhava mas não sabia fazer, continuei a conversa falando pra ela que era questão de prática e que todos podem aprender a desenhar.

No final, acredito que o trabalho mostra mais que um registro dos outros ou da cidade, e sim um registro do meu corpo sobre a cidade. Um corpo que quer pertencer mas que ao mesmo tempo está numa distância. Um observador anônimo no meio da cidade que vê e imagina coisas com paisagens com as pessoas.

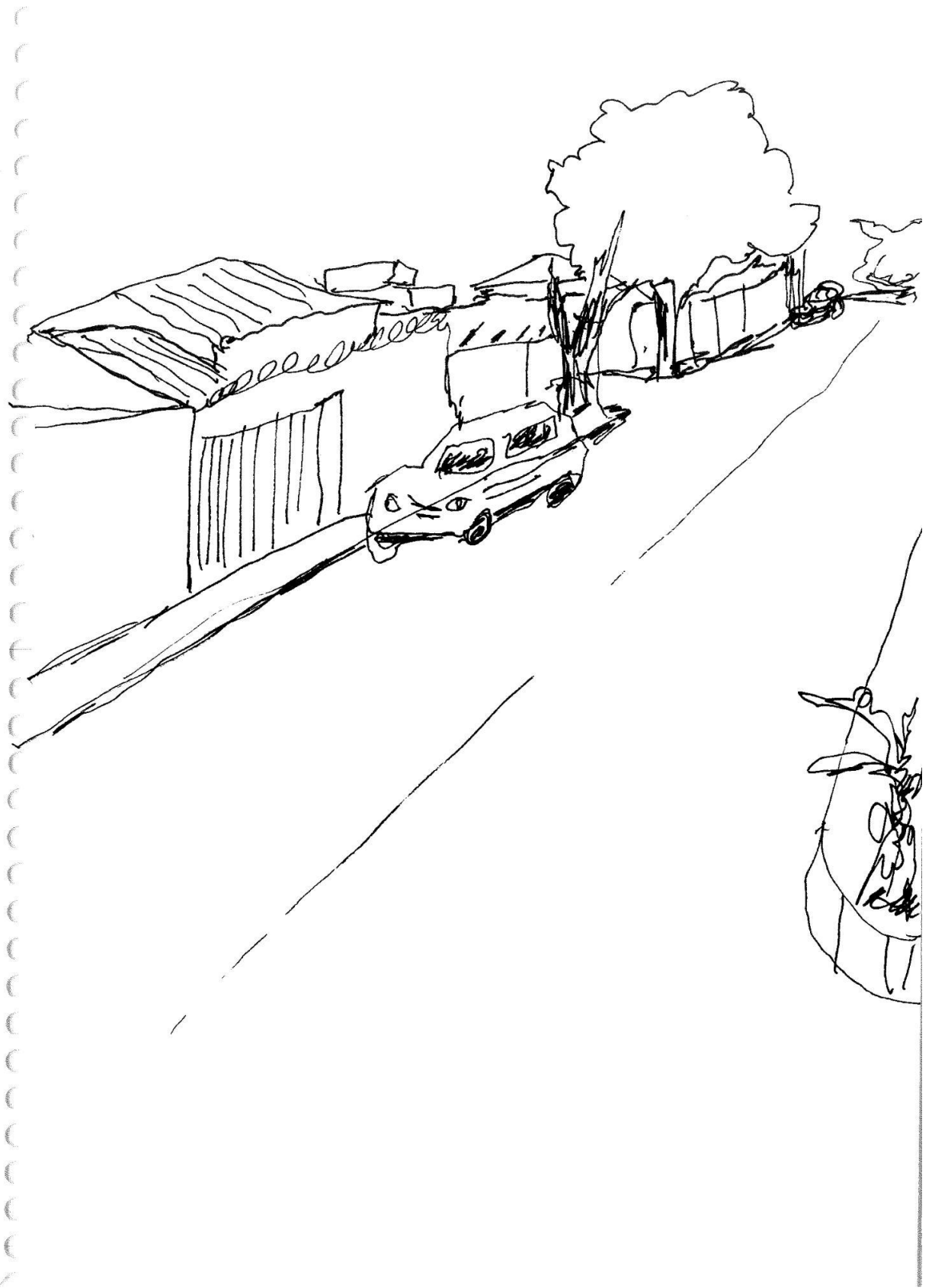
A seguir apresento grande parte dos desenhos produzidos durante os percursos, além dos já mostrados nas figuras 17, 18, 19 e 20.

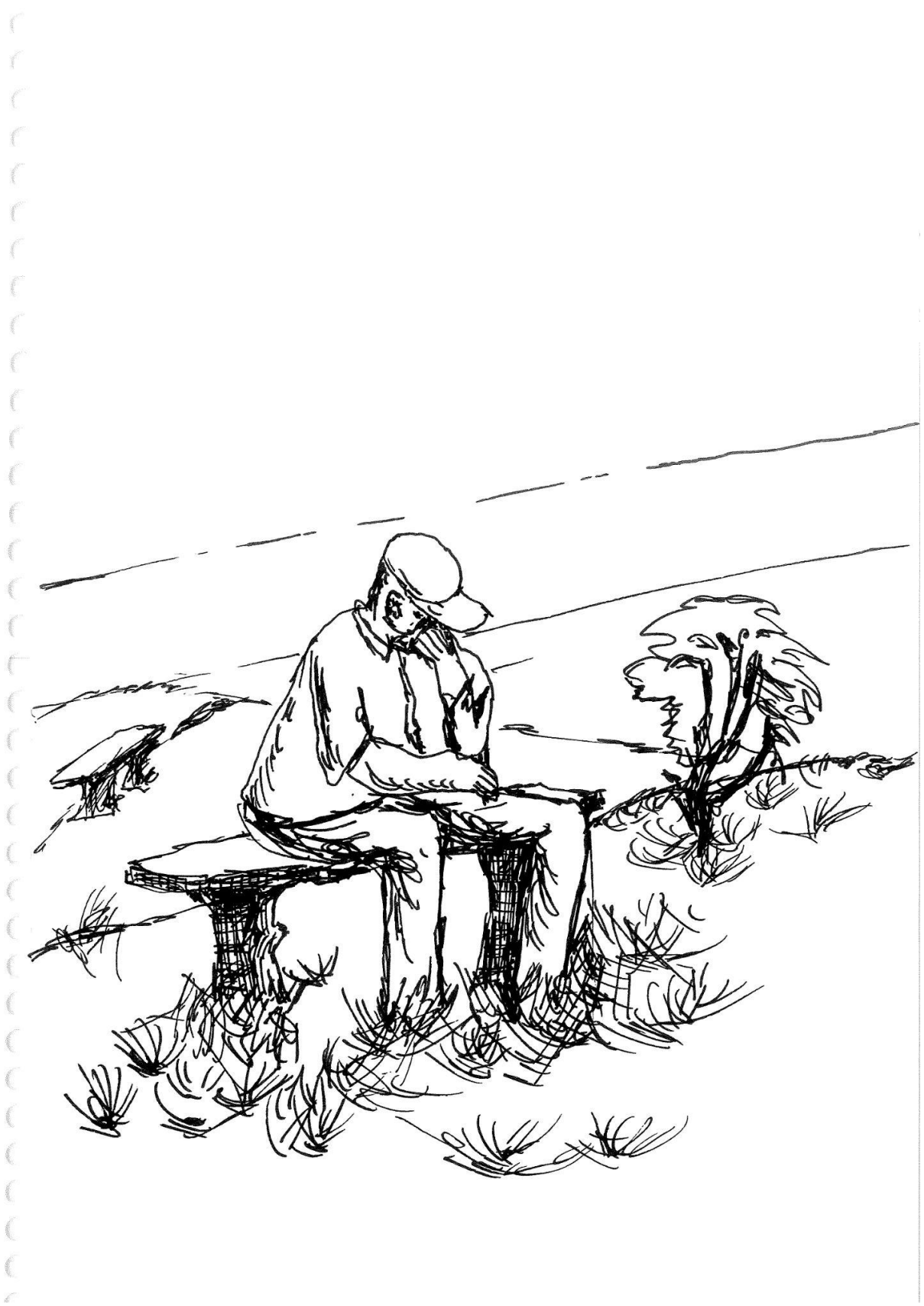


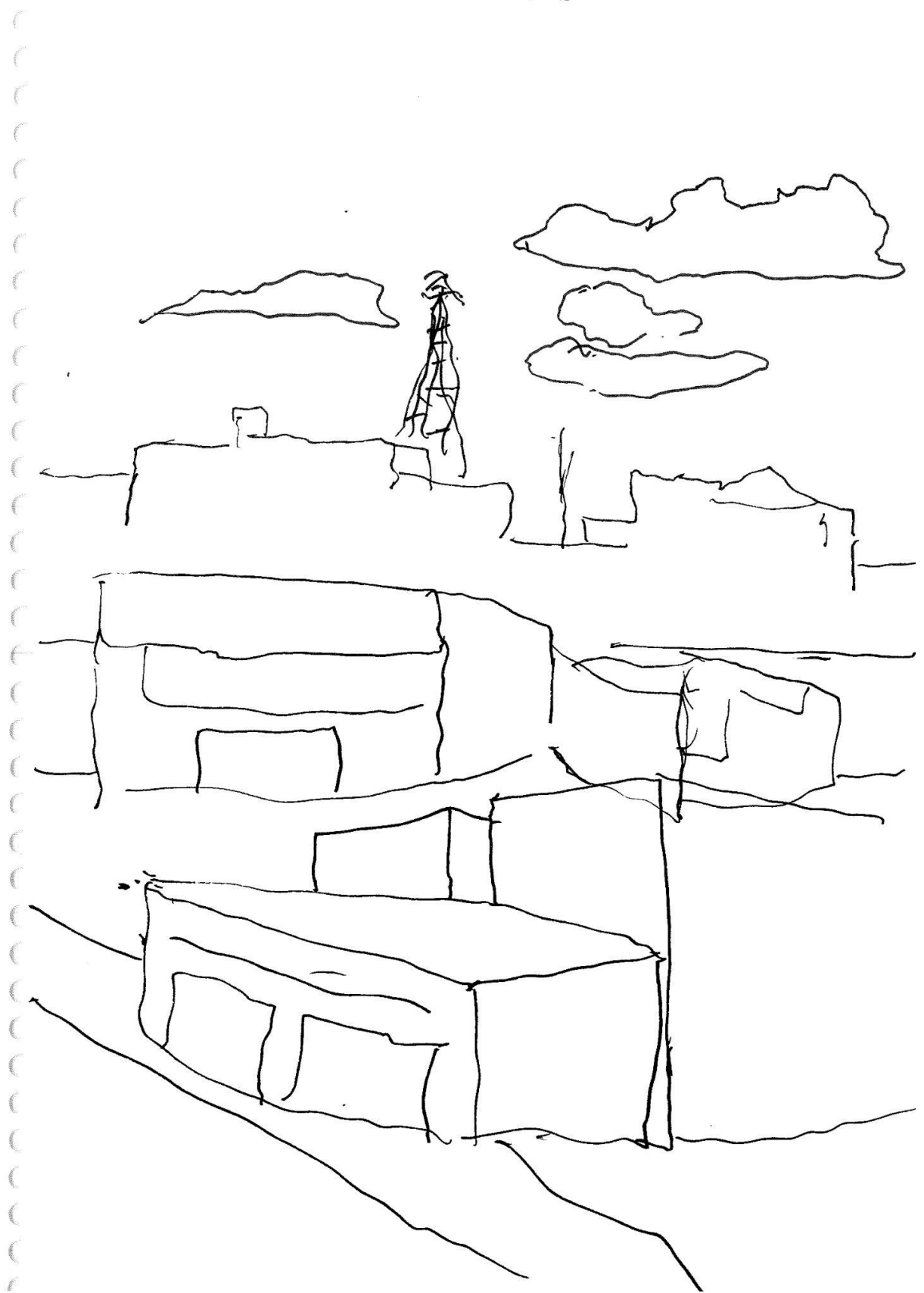


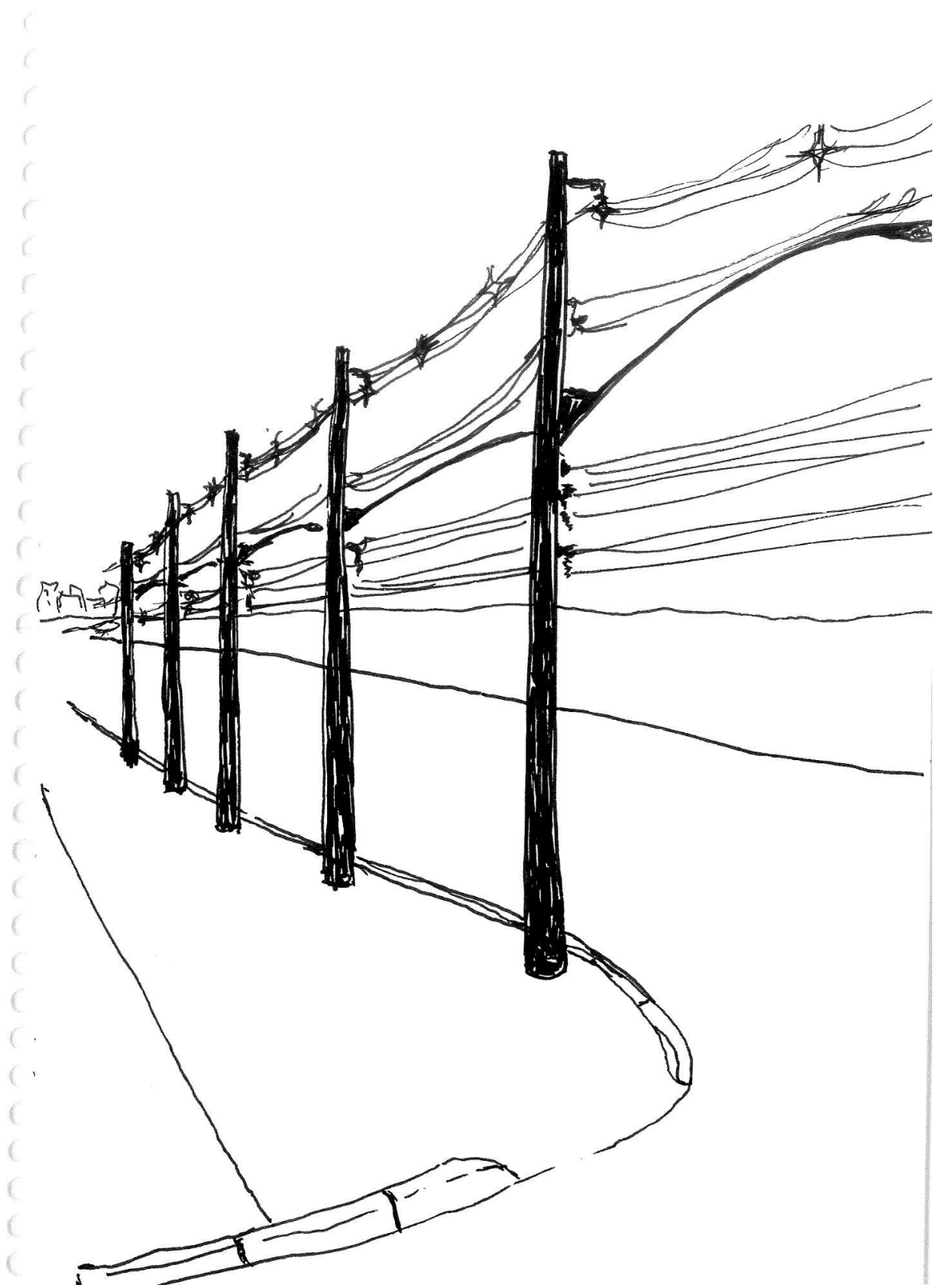








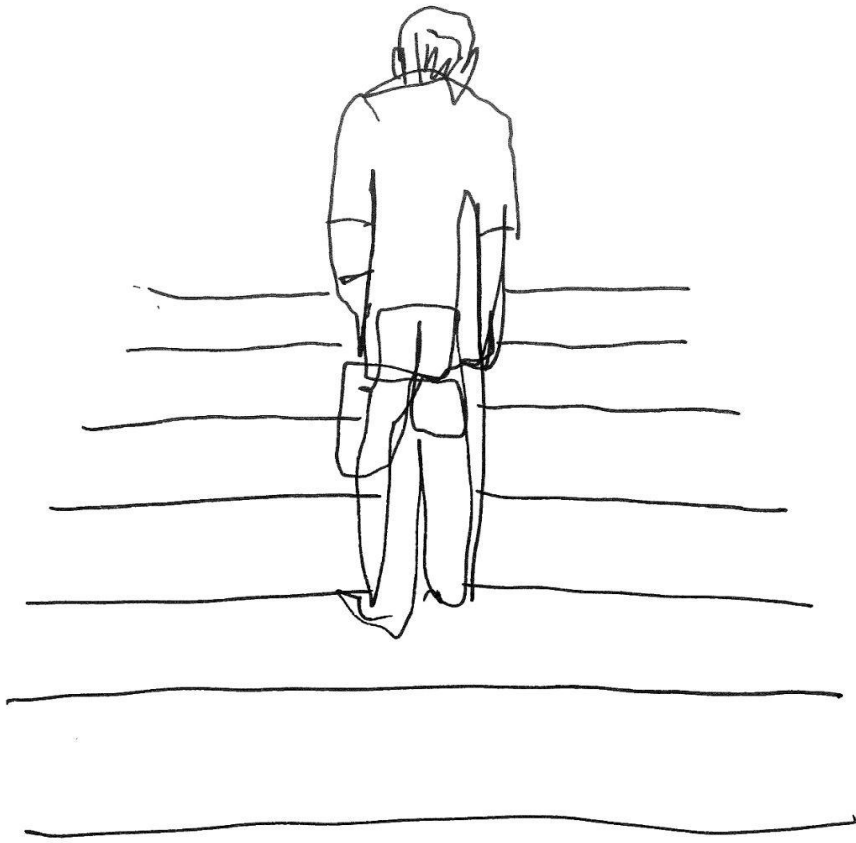






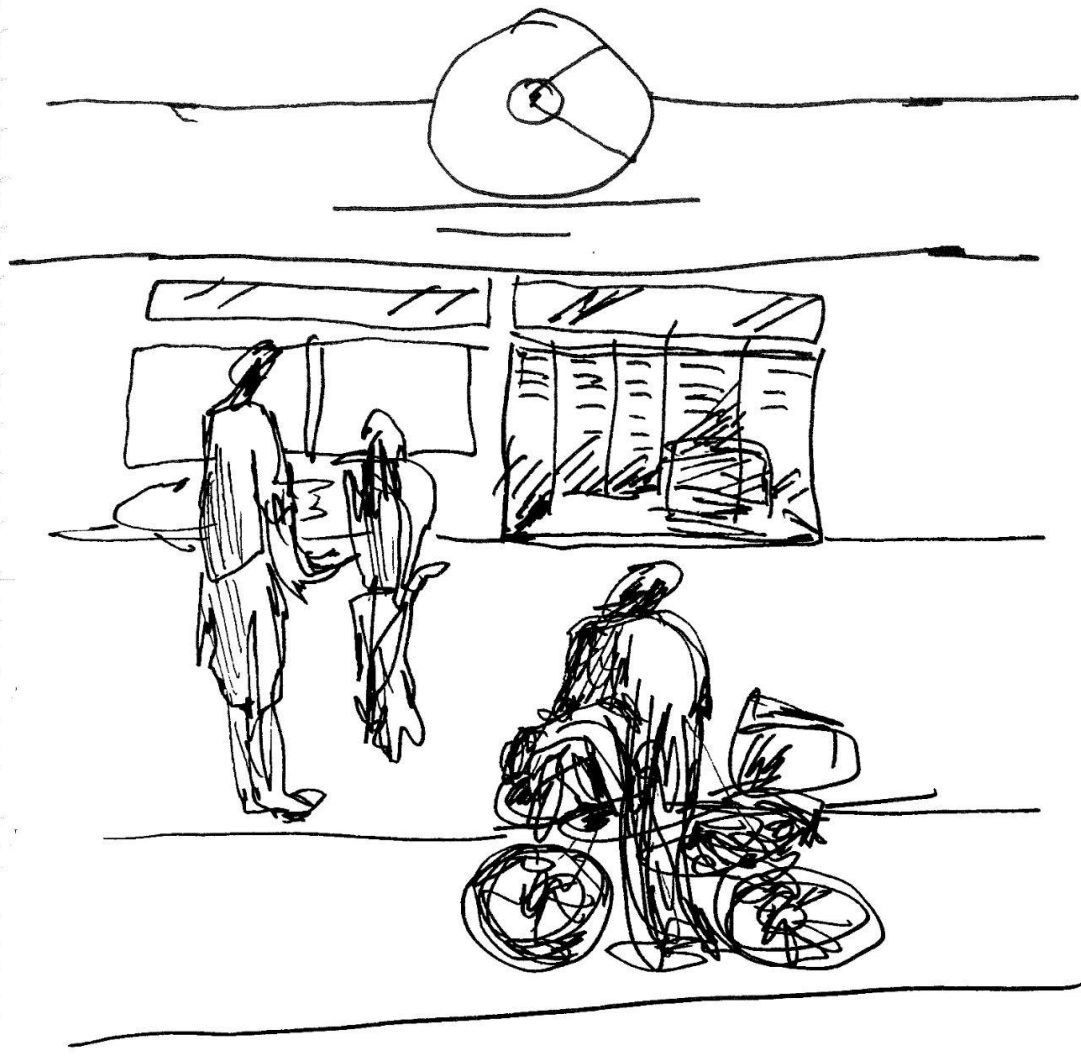








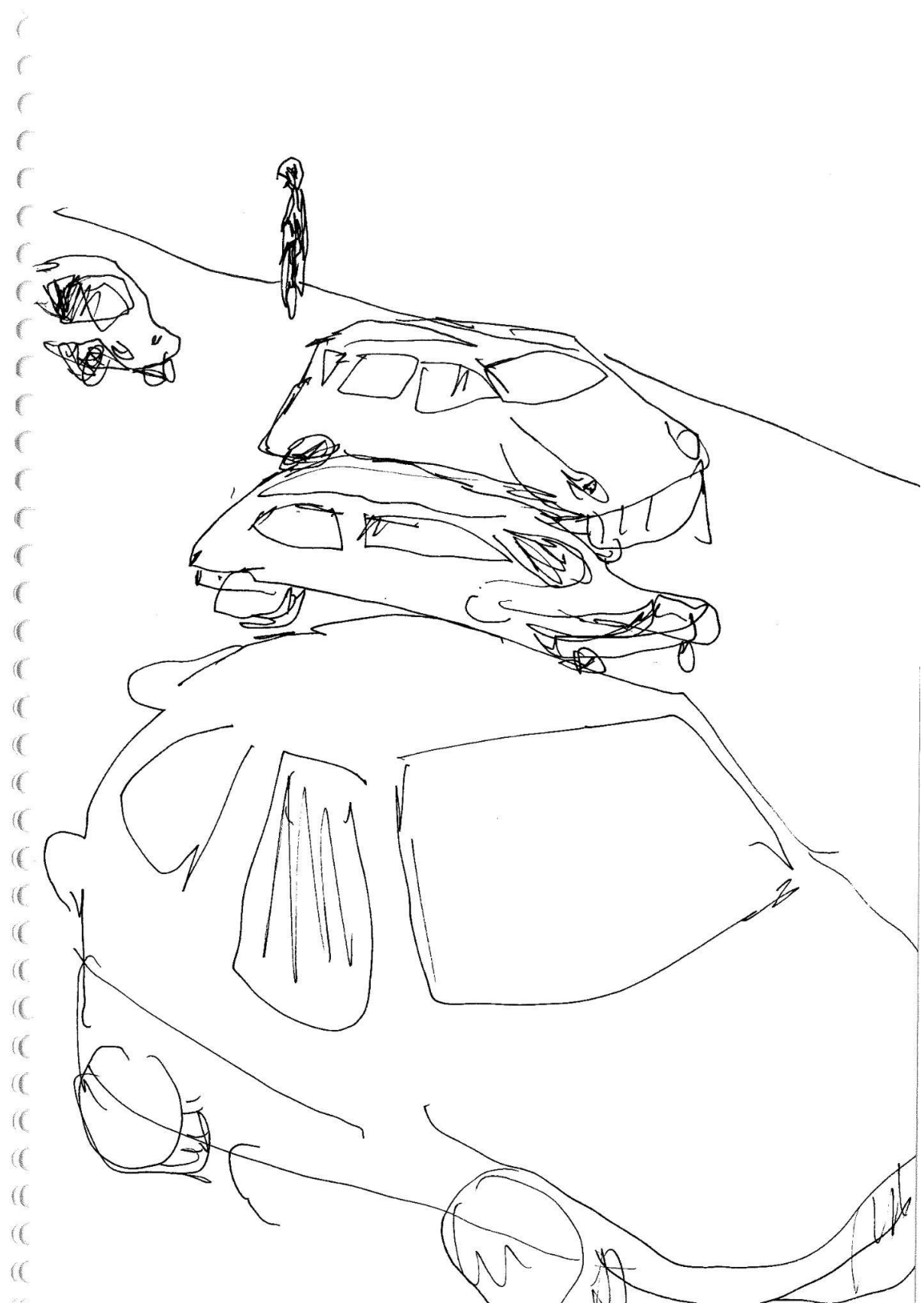












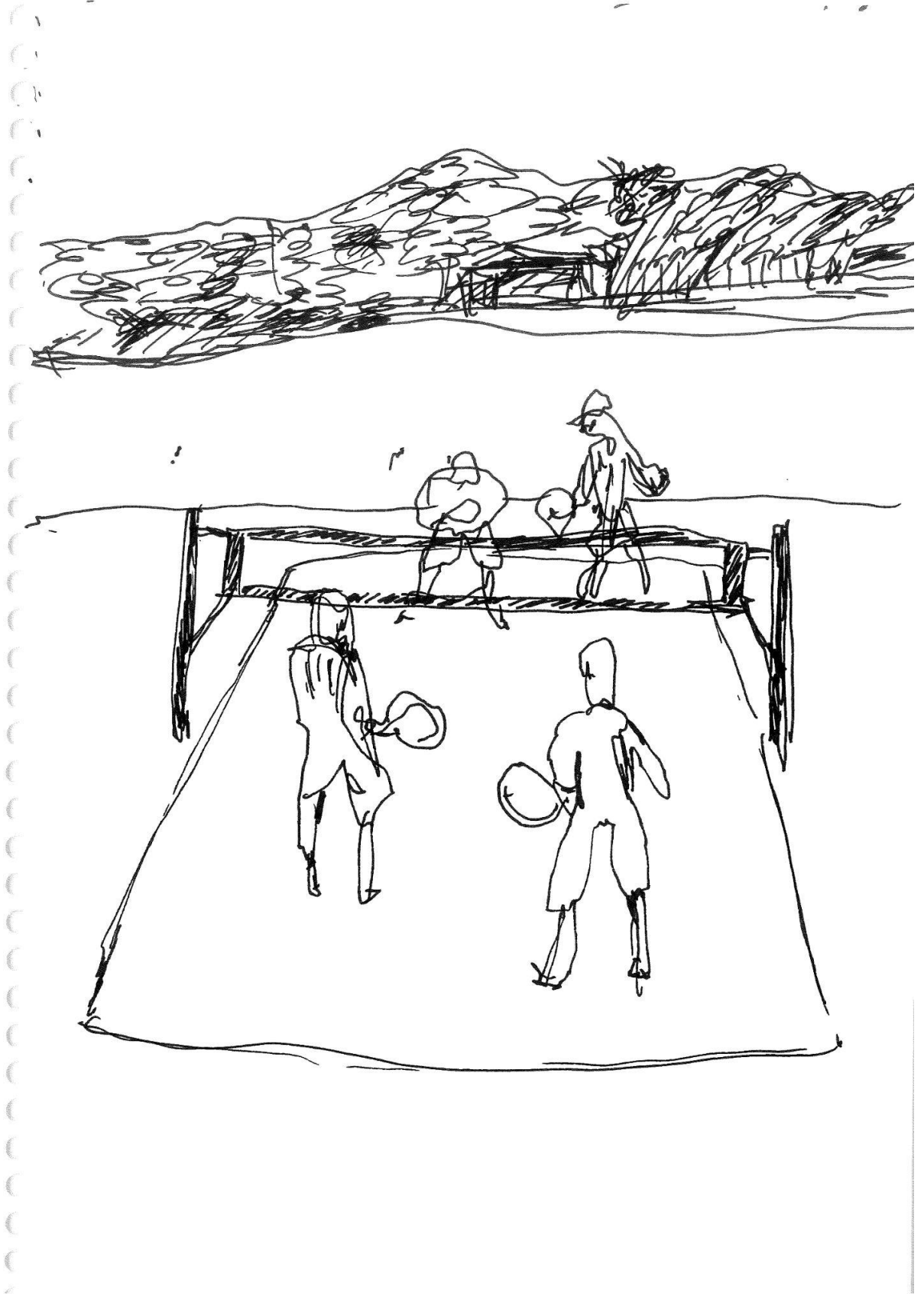


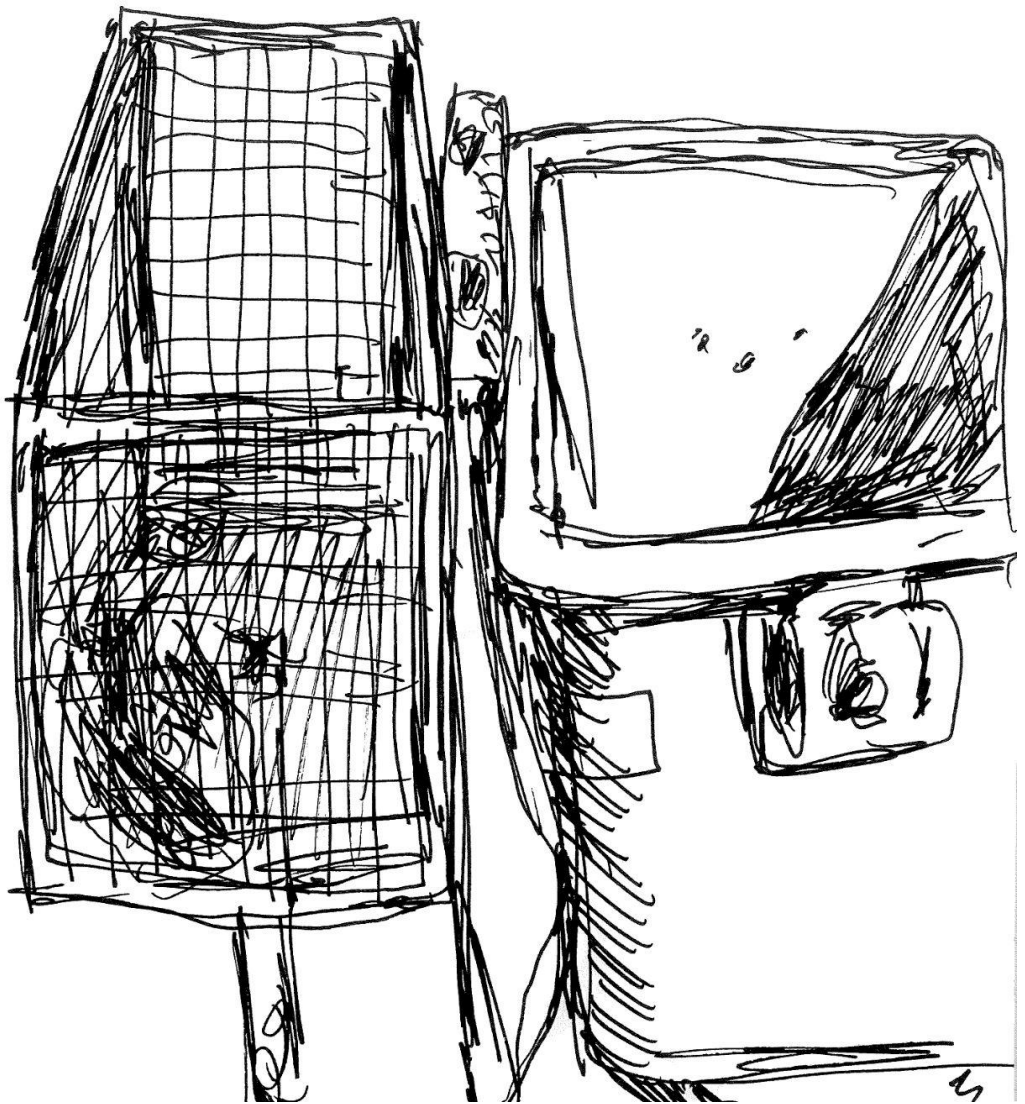




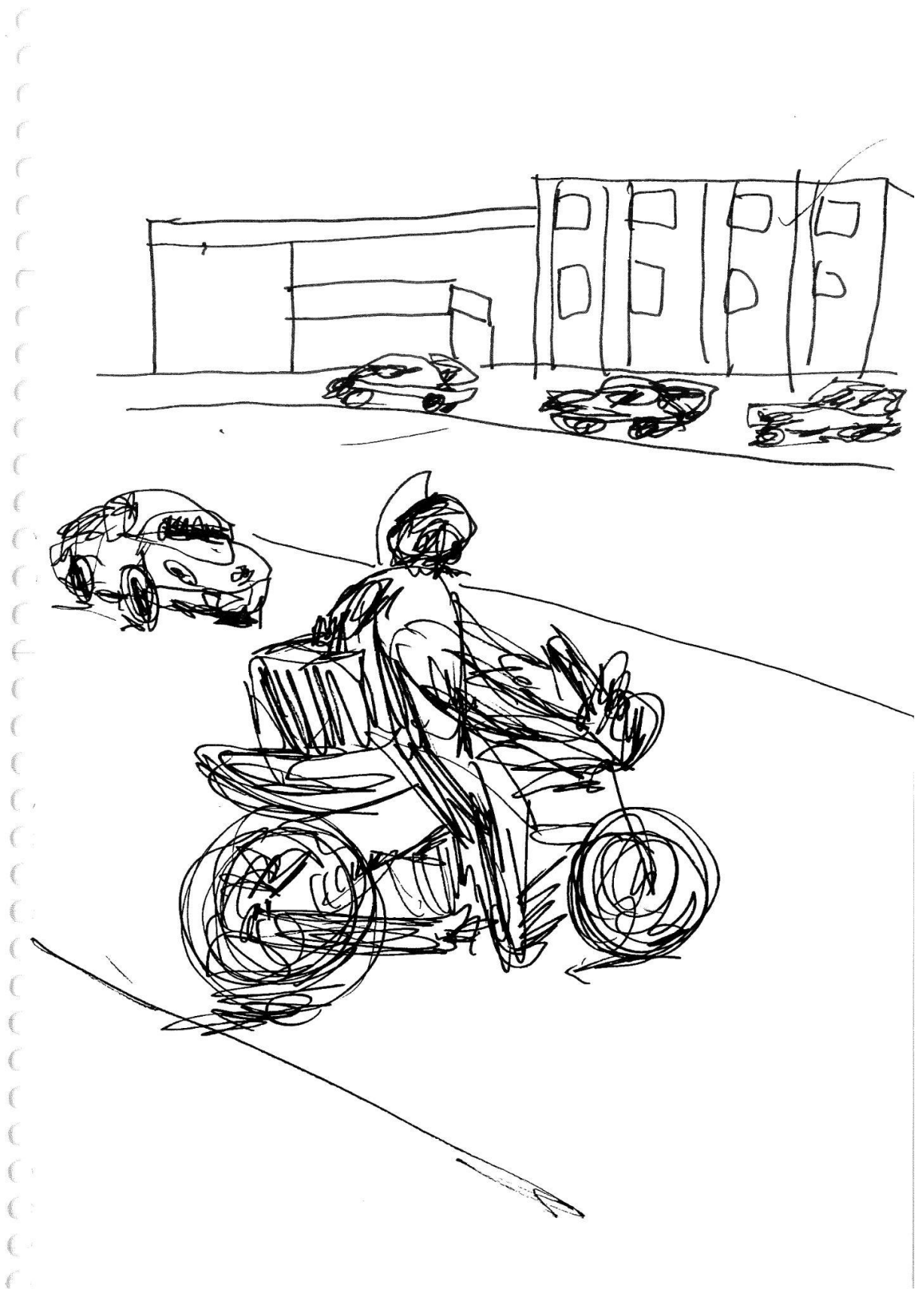


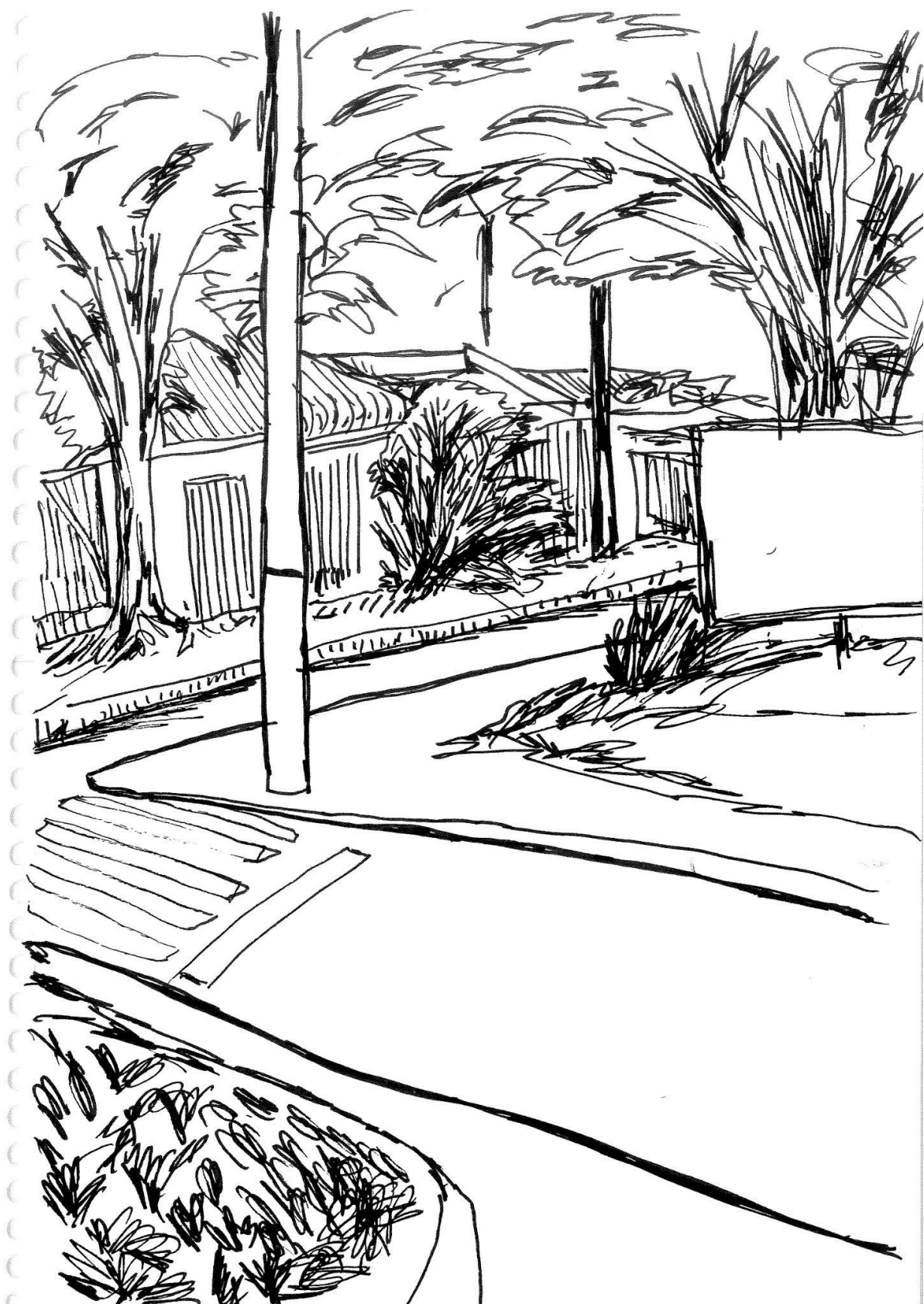












Figuras 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48 e 49 - Desenhos da série "De Passagem"
Fonte: acervo do autor

Considerações Finais

A pesquisa em criação artística foi muito frutífera, apesar de dolorosa às vezes, pois requer uma análise de certos aspectos da própria criação, um olhar profundo no espelho. Ele faz com que reparemos em características muitas vezes implícitas, o que é fundamental para uma maior autoconsciência, pensar que sempre tem camadas que podem ser esmiuçadas.

A revisitação de trabalhos antigos me fez perceber pontos em comum entre algumas produções recentes. Durante o curso de Artes Visuais, os professores sempre nos indagavam em relação a uma consciência de produção, saindo daquela produção apenas instintiva. Olhar nosso percurso, mesmo que pequeno, em retrospectiva é importante para se localizar.

As ideias situacionistas trouxeram pensamentos estimulantes, instigaram a sentir a cidade e propor ações com ela, mesmo que de maneira introspectiva. Hoje em dia, em que estamos tão conectados com o celular e com o mundo da informação rápida, o situacionismo nos convida a vivenciar e perceber a cidade. O contato e aproximação com seus conceitos aumentaram minha relação passional com os meus percursos urbanos.

O trabalho prático gerou uma surpresa. As caminhadas foram prazerosas, conheci ruas e praças que nem sabia da existência. Fiquei satisfeito com os resultados, ficaram expressivos, e a compreensão e paciência com o processo trazem uma melhor relação com o resultado, não apenas o de julgar de maneira superficial, e sim uma atitude de valorizar a densidade e expressão artística do processo .

O trabalho de conclusão de curso termina mas a produção e estudos continuam. Com certeza ficará marcado em mim todo esse processo. Pretendo continuar explorando o desenho e suas potencialidades, ligado a uma leitura e interpretação do desenho e seus dizeres.

A elaboração deste TCC, artisticamente e textualmente, me levou a sentir mais confiante com meu trabalho. O desenvolvimento dos capítulos e a reflexão do processo criativo deram corpo e sustentação à produção. Minha insegurança se reduziu ao chegar no final, quando pude então olhar os resultados com mais afeto e sentimento, ao ponto de elaborar um projeto de exposição.

Para uma exposição do trabalho penso em dispor os cadernos de maneira sequenciada sobre uma mesa. Deixar os desenhos agrupados nos cadernos que participaram do percurso, para que o expectador manuseie as páginas uma a uma, dando uma intenção também de um passeio pelas folhas, como se o passar das páginas fizesse uma analogia com o andar das pernas. Uma cena é olhada de cada vez e para ver a próxima é preciso manusear o caderno. Na tentativa de transpor o espectador para minha caminhada.

Esse formato agrupado também cria uma narrativa visual, as cenas se encaixam, se complementam, elas fazem sentido em conjunto.

Além disso, alguns desenhos merecem um destaque maior, que seriam selecionados, digitalizados, tratados no computador e impressos em tamanho A3 em qualidade *fine art*, dando durabilidade e permanência aos desenhos feitos originalmente com materiais simples do cotidiano. A disposição das impressões percorre a parede em sequência, um a um, fazendo um panorama aberto e geral desse conhecer através do perder-se e desses encontros silenciosos com o outro.

Referências Bibliográficas

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2013.

DE MELO NETO, João Cabral. **Poesia completa**. Alfaguara, 2020.

DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. Editora Senac São Paulo, 2019.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando cidades. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, p. 295-314, 2012.

NAVES, Rodrigo. **Goeldi**. Editora Cosac Naify, 1999.

POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. Companhia das Letras, 2017. p377-p394.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SIMPSON, George Gaylord. **A descronização de Sam Magruder**. Editora Peirópolis, 1997.

URBAN SKETCHERS. **Quem Somos?**. 2022. Disponível em: <https://urbansketchers.org/pt/who-we-are/> . Acesso em: 1 jun. 2023.

VERAS, Eduardo. **A linha incontornável. Desenhos de Iberê Camargo**. A linha incontornável. Desenhos de Iberê Camargo. Disponível em <http://iberecamargo.org.br/exposicao/a-linha-incontornavel-desenhos-de-ibere-camargo/> . Acesso em: 1 jun. 2023.